

## **"FRANCISCO DE PAULA BRITO: ESCRREVENDO E PENSANDO A FICÇÃO BRASILEIRA EM SEU MOMENTO INAUGURAL"**

Maria Eulália Ramicelli\*

Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi, como outros homens de letras seus contemporâneos, ativo em várias áreas culturais: "era poeta, jornalista, editor, escritor, tradutor e teatrólogo"<sup>1</sup>. Destacou-se no meio editorial por ter sido o primeiro editor brasileiro, de fato, contribuindo para a divulgação da produção literária brasileira. Também trabalhou no *Jornal do Commercio* como redator, entre 1839 e 1840, e - o que nos interessa aqui - colaborador, traduzindo e escrevendo ficção própria.

Fundar, dirigir e/ou escrever para periódicos, como fez Paula Brito, significava, à época, intervir diretamente para a propagação das novas idéias e formas culturais, vindas da Europa, a fim de modernizar a sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, os primeiros ficcionistas brasileiros se encarregaram de um imenso projeto, pragmático e urgente: construir uma cultura que pudesse alçar o âmbito nacional de maneira unificadora e ampla, o que significava edificar uma literatura própria, brasileira, para o que a escrita ficcional era um caminho. É nesse sentido que vale ressaltar o ficcionista Paula Brito visto, já em 1839, ele ter apresentado uma reflexão pessoal, ainda que bastante sucinta, sobre a complexa tarefa de produzir ficção no Brasil. Para escrever ficção era inevitável o empréstimo da fórmula original européia. Contudo, sobressaíam ao escritor as diferenças sócio-culturais aí implicadas e a necessidade de ajustá-las ao meio brasileiro de modo que fosse viável falar do país que se estava construindo como nação livre. Assim, interessa perceber como Paula Brito lidou com essa questão.

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, FFLCH/USP. Bolsista FAPESP.

<sup>1</sup> GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e Obra de Paula Brito. "Iniciador do Movimento Editorial do Rio de Janeiro" (1809-1861)*. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Ed., 1965. p.56.

Ao que se sabe, o primeiro texto ficcional de Paula Brito foi "A revelação póstuma" (*Jornal do Commercio*, 9 a 11 de março de 1839). Consiste em uma carta escrita por Carolina a uma "querida amiga" (numa figuração da leitora verídica) com o propósito de desabafar seus dolorosos sentimentos com relação ao marido, Felício.

O objetivo moral dessa narrativa é, como de costume, indicado logo no início. Carolina deseja que sua "terrível lição" possa ser aproveitada, referindo-se ao erro de ter se deixado levar pela aparência atraente de Felício, o que lhe custou grandes abalos e perdas irreversíveis. Sempre crente no marido, Carolina deixa-se entorpecer pela riqueza e conforto da vida de casada (numa extensão do padrão de vida a que estava acostumada, pois era filha de "capitalistas abastados") até que descobre que Felício era jogador inveterado e que provinham do jogo seus ganhos, mas também enormes perdas. Nada se compara, no entanto, à profunda desilusão, perpassada de ódio, de Carolina ao descobrir que seu marido tinha por amante a escrava Isabel. Carolina até o desculparia se ele a traísse com alguma bela freqüentadora de salões ou com "alguma dessas imundas prostitutas que vendem seu corpo por dinheiro", mas nunca com uma escrava que o degradava por completo. O golpe fatal acontece numa cena de teor melodramático, que encaminha o enredo para seu desfecho. Após flagrar Felício e Isabel num quarto contíguo à casa, Carolina se machuca em sua fuga desesperada e, "nadando em [seu] próprio sangue", discute fortemente com o marido, exigindo a expulsão de Isabel. Mas Felício toma a defesa desta declarando que ela espera um filho seu. Sentindo-se aniquilada pela idéia de ser colocada abaixo de uma escrava, Carolina não vê razões para continuar vivendo.

Isabel - o elemento brasileiro - permanece na condição de objeto servil e, assim, invisível para o meio social que Paula Brito colocou no primeiro plano. Sendo "A revelação póstuma" narrada em primeira pessoa, o leitor nada sabe de concreto sobre Isabel. No desfecho, somos informados que Felício é perseguido pela polícia, devido à sua vida financeiramente ilícita, e que Carolina prevê sua morte próxima e desejada. Mas e Isabel, a escrava grávida de seu senhor e dono? Apenas o silêncio proposital que a ignora e a relega ao seu lugar determinado: a servidão aos afazeres domésticos e aos desejos sexuais do patrão.

O efeito do rebaixamento da escrava Isabel pela narradora Carolina advém justamente do emprego do recurso epistolar. Era característica recorrente, dessa primeira fase da escrita ficcional no Brasil, a presença de um narrador centralizador que apresenta tudo e todos, narrando e já interpretando os fatos de modo a guiar a própria compreensão do leitor. Trata-se, aliás, de um aspecto estrutural que também encontro<sup>2</sup> na ficção britânica traduzida para o português, a partir de tradução francesa, e publicada em periódicos fluminenses das décadas de 1830 e 1840, e que teria contribuído para a construção desse tipo de voz narrativa pelos ficcionistas brasileiros<sup>3</sup>. Assim, a formulação de "A revelação póstuma" enquanto carta (onde naturalmente predomina a interpretação pessoal dos fatos pelo sujeito que escreve) permitiu a elaboração mais verossímil de um narrador que, ao longo de seu relato, não abre brechas para outros pontos de vista que não o seu.

---

<sup>2</sup> Refiro-me à minha pesquisa de doutorado, em andamento, cujo projeto se intitula: "A tradução de ficção britânica em periódicos do Rio de Janeiro (século XIX) e a ficção dos precursores: um diálogo possível".

<sup>3</sup> Deve-se lembrar aqui o argumento central de Flora Süssekind em seu livro *O Brasil não é longe daqui*: a associação entre o narrador dessa primeira leva ficcional brasileira e o narrador verídico dos relatos de viajantes naturalistas estrangeiros.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem* 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

Já em "A mãe-irmã. História contemporânea" (*Jornal do Commercio*, 10 de abril de 1839)<sup>4</sup>, é comum o narrador interromper o curso da narrativa para, dialogando diretamente com o leitor, ponderar sobre a situação presente e as atitudes dos personagens. Há longos trechos em que não há desenvolvimento da ação, mas discussão e julgamento dos fatos pelo narrador.

Como o próprio título indica, o argumento se baseia numa ambigüidade das relações familiares imposta pela acomodação de uma situação inaceitável para o meio burguês, a qual, aliás, soa canhestra ao contexto brasileiro especialmente porque a configuração dos personagens não se alinha ao problema posto. A protagonista Alzira, por exemplo, serve principalmente como marca de brasilidade, pois, apesar de estar no cerne do conflito que dinamiza o enredo, sua função mais concreta é a de situar a narrativa através de sua beleza brasileira que o narrador opõe à das heroínas de romance europeu, embora segundo os parâmetros ditados pelos mesmos modelos estrangeiros.

Alzira, filha de militar de alta patente e sobrinha de um "dos primeiros comerciantes da corte", apaixona-se por Narciso, moço física e moralmente perfeito, mas marcado por um defeito involuntário: "era pobre, vivendo apenas de seus ordenados." Eis que o pai e o tio de Alzira, do qual Narciso era empregado, descobrem o segredo. Mas não há grandes crises entre os personagens, como ocorre no modelo europeu. Por exemplo, em "A filha do negociante" (um dos episódios da série *Diário d'um Médico*, originalmente britânica, publicado também no *Jornal do Commercio*, pouco antes desta narrativa de Paula Brito<sup>5</sup>), a

---

<sup>4</sup> Apud SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960. pp.185-196.

<sup>5</sup> "A filha do negociante" foi publicada entre 1 e 15 de fevereiro de 1839 e trata-se da tradução brasileira, da lavra de Julio Cezar Muzzi, feita a partir de tradução francesa, de "The Merchant's clerk", capítulo da série *Passages from the Diary of a Late Physician*, escrita por Samuel Warren e publicada, entre 1830 e 1837, na renomada revista escocesa *Blackwood's Magazine*. Na passagem do texto do inglês para o francês foram feitas algumas alterações, inclusive no próprio desfecho, as quais foram seguidas pelo tradutor brasileiro.

rejeição paterna do amor entre Maria Hallory, filha de rico comerciante londrino, e o caixeiro de seu pai, Eugênio Elliot (uso o nome dado na tradução) é motivo de rompimento definitivo entre pai e filha, com desfecho trágico, já que todos morrem como consequência direta dessa transgressão da norma social. Ao contrário, em "A mãe-irmã", Paula Brito encontra soluções conciliatórias, fazendo encaixar de modo aceitável para o nosso meio o que, a princípio, seria um conflito.

Narciso é enviado à Ásia para cuidar dos negócios do tio de Alzira enquanto esta é mandada à chácara do comerciante. Seu encontro secreto de despedida resulta na gravidez de Alzira que confia a sua mãe o que acontecera. Esta, numa atitude prática, moralmente duvidosa (o próprio narrador se vê na necessidade de justificá-la e defendê-la) e defensora das convenções sociais, elabora o plano que desencadeará a tensão subsequente: a mãe de Alzira diz-se grávida e indisposta, escolhendo partir para o campo junto com a filha que precisava distrair-se do sofrimento amoroso. Quando voltam, Guilherme é apresentado, ao marido e à sociedade, como o irmão de Alzira. Anos depois, Narciso retorna convenientemente rico, ou seja, livre do 'mal' que o impedia de se ligar a Alzira, e é informado por esta sobre a situação atual. O único diálogo desse texto encontra-se na passagem em que há um embate direto entre Narciso e Guilherme e aquele revela paulatinamente ao rapaz (numa tentativa do autor de criar tensão narrativa) sua verdadeira origem.

Ao final, como já fizera antes, Paula Brito cola sua voz à do narrador para refletir sobre as possibilidades de desfecho que poderia dar a essa narrativa. Revela consciência de sua manipulação do enredo dentro das opções fornecidas pelos modelos ficcionais europeus, com especial enfoque nos romances sentimentais. Diz que poderia "fazer acabar tudo isto tragicamente; bastava mover o orgulho e irascibilidade do rapaz, e fazê-lo

suicidar-se. Poderia descrever o suicídio à minha vontade, e mostrar depois o corpo do infeliz feito em pedaços, nadando em seu próprio sangue, e as lágrimas e desesperação da mãe e do pai." Mas, optando pela "verdade", Paula Brito promove um ajustamento do modelo europeu ao meio social brasileiro, conciliando, pela simplificação ideológica, o que é, no fundo, conflituoso: Guilherme aceitou seu destino, "Alzira e Narciso casaram-se e legitimaram-no nesse ato; e acabou-se a história."

É significativo que Paula Brito introduza "O enjeitado" (*Jornal do Commercio*, 28 e 29 de maio de 1839)<sup>6</sup> com uma exposição sobre o problema escancaradamente vivido por aqueles primeiros ficcionistas, o qual diz respeito ao ponto nevrálgico da nossa formação cultural, conforme Roberto Schwarz analisa em profundidade em "Nacional por subtração"<sup>7</sup>. A questão é: como se movimentar entre a realidade social brasileira (latifundiária, escravocrata) e o aparato liberal burguês que nos chegava em grande quantidade por uma de suas formas de expressão - o romance?

São três os pontos centrais de sua argumentação, em que, na comparação entre Europa e Brasil, sobram desvantagens e problemas para o escritor brasileiro. Em primeiro lugar, a Europa pode extrair conteúdo narrativo tanto de seu extenso passado histórico como do mundo oriental, valendo-se de escritores talentosos como Walter Scott ao passo que o Brasil tem história recente e escritores que não se igualam aos europeus ("custará a crer que nos apresentemos ao público com tão singelas narrações"); a saída, a seu ver, está em o ficcionista brasileiro voltar-se para o presente, para os costumes contemporâneos ("contamos só o que vemos e ouvimos, emprestando-lhe apenas alguns vestidos"). Em

---

<sup>6</sup> Apud SOBRINHO, Barbosa Lima. *Op.cit.* pp.197-219. Sobrinho indica erroneamente a publicação desse texto como sendo de março de 1839.

<sup>7</sup> SCHWARZ, Roberto. "Nacional por subtração" In: *Que horas são? Ensaios*. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. pp 29-48.

segundo lugar, como que procurando localizar no contexto brasileiro matéria de valor literário, Paula Brito destaca que nosso país possui "tradições" e um "calendário também cheio de feitos heróicos de acrisolado patriotismo" ao que menciona o episódio dos holandeses em Pernambuco e as viagens dos bandeirantes; porém, mesmo assim algo ainda falta ao escritor brasileiro: o aporte sócio-cultural burguês que fundamenta a ficção, ou mais especificamente, o romance ("faltam-nos dourados salões, subterrâneos imensos, portas de segredo, altos torreões dominando léguas de campinas e meias pontes levadiças, vassalos e pajens e toda a *magna comitante caterva*, cujas descrições enchem páginas e páginas, e que hoje são da essência"). Finalmente, seguindo essa linha de raciocínio, Paula Brito opõe a natureza brasileira, com as sugestões ficcionais que ela poderia fornecer, à vertente ficcional da moda: a ficção de tipo gótico, reconhecida como sendo de difícil, mas obrigatório emprego pelo escritor brasileiro ("mas o sublime da arte agora não é esse [a natureza e suas cenas], são necessários acontecimentos horríveis e inesperados, homens sem tipo na natureza, bruxas, fantasmas, espectros; fora deste caminho não há salvação. Ora, isto não temos nós.")

Fica a sensação de perplexidade de Paula Brito frente aos diversos e, para ele, mutuamente excludentes componentes ficcionais com que ele - escritor - deveria lidar. Mas, ciente da impossibilidade de evitar esse universo ficcional estrangeiro, Paula Brito tenta relacionar aqueles componentes, ainda que em conflito permanente, na trama narrativa.

Em "O enjeitado", Júlio sofre amargamente por não conhecer sua origem. Em conversa com a noiva Emília, conta-lhe o pouco que se lembra de sua infância: uma residência cercada por vegetação tipicamente brasileira (mangueiras, cambucazeiros, mandioca), habitada por "poucos escravos" e pessoas com quem ele desconhece sua ligação. Mais tarde, Emília comenta essa história com sua mãe, não se esquecendo dos

detalhes sobre a casa, ao que a mãe de Emília revela que esta e Júlio são primos-irmãos e narra-lhe a terrível história de Júlia, mãe do protagonista, - cheia de torturas físicas e morais - e as circunstâncias do nascimento deste. Júlio é fruto do adultério de sua mãe, forçada a se casar com um velho, perverso, mas rico fazendeiro.

Conhecedor de sua origem, através de Emília, Júlio se desespera e se embrenha pelo interior do Brasil (ótima desculpa para que o narrador descreva lugares e costumes existentes fora da corte). Anos depois, transformado no religioso Santa Vitória, Júlio atende ao chamado de uma doente, que vem a ser Emília, a qual havia adquirido um modo de vida religioso bastante austero (incluindo auto-flagelo) e habitava uma casa decorada com símbolos próprios de ambientes góticos: sala em trevas, forrada de preto, com ossos e caveira ao redor. Ao final, Emília e Júlio morrem.

Como Flora Süssekind observa<sup>8</sup>, em "O enfeitado" Paula Brito promove uma substituição de elementos europeus, que ele reconhece como necessários à ficção, por outros brasileiros; contudo, o parâmetro central, que guia a composição ficcional, continua a ser o das matrizes européias. Portanto, de um lado, temos o mistério da origem de Júlio, por ele exposto em falas melodramáticas; um mistério que tem por base uma situação burguesa: o casamento arranjado de sua mãe, devido a interesses financeiros, e o conseqüente adultério. Tudo acompanhado por planos diabólicos, aprisionamento de Júlia num cômodo que mais parece uma torre-prisão medieval, o assassinato de seu amante com requintes de crueldade, a vida penitentemente gótica de Emília: todos elementos explorados em diferentes níveis pela grossa leva de ficção de tipo gótico escrita no final do século XVIII (especialmente na década de 90) na Inglaterra. De outro lado, o contexto brasileiro enquanto cenário (natureza, costumes da vida interiorana e popular, fazenda de engenho,

---

<sup>8</sup> *Op.Cit.*, pp.174-5.



ruas e bailes da corte), mas que também é, na estrutura do enredo, o responsável pelo desencadeamento da revelação do passado de Júlio: um quadro específico, em que imperam a natureza e uma residência de campo tipicamente brasileiras, é a pista para que a mãe de Emília reconheça em Júlio seu sobrinho, mesmo sem tê-lo visto uma única vez.

Dessa forma, a ficção de Paula Brito, característica de seu tempo, nos apresenta, como aspecto central, a dificuldade e a tentativa de elaborar uma literatura brasileira por meio de adaptações possíveis de estruturas e temas narrativos europeus. É nítido o esforço de se nacionalizar a matéria narrativa, fosse através de um personagem (a escrava Isabel, em "A revelação póstuma"; Alzira, em "A mãe-irmã") ou de quadros naturais ("O enjeitado"); elementos que, no entanto, marcam apenas pontualmente o contexto brasileiro. É, então, por ter enunciado criticamente esse desajuste cultural, que se encontra largamente figurado na escrita literária da época, que Paula Brito se distingue, num raro testemunho de vivência do processo de criação da ficção brasileira.

## BIBLIOGRAFIA

- CORRÊA Filho, Virgílio. "O Rio de Janeiro da Regência" In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Curso sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro)*. Vol.276, julho-setembro 1967. Rio de Janeiro, Dep. Imprensa Nacional, 1968. pp.108-130.
- FAUSTO, Boris. "O Brasil monárquico (1822-1889)" In: *História concisa do Brasil*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2001. pp.77-138.
- GONDIM, Eunice Ribeiro. *Vida e Obra de Paula Brito. "Iniciador do Movimento Editorial do Rio de Janeiro" (1809-1861)*. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Ed., 1965.
- IPANEMA, Marcelo de. "O Rio de Janeiro do primeiro reinado (1822-1831)" In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Curso sobre a fundação da cidade do Rio de Janeiro)*. Vol.276, julho-setembro 1967. Rio de Janeiro, Dep. Imprensa Nacional, 1968. pp.89-108.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. 4.ed. São Paulo, Duas Cidades. 1992.
- \_\_\_\_\_. "Nacional por subtração" In: *Que horas são? Ensaios*. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. pp.29-48.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1960.
- SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. 1ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.